

A ENTREVISTA PSIQUIÁTRICA – UM CASO ILUSTRATIVO

Análise de aspectos da entrevista psiquiátrica no filme “Don Juan DeMarco”

(2006)

Carolina Bunn Bartilotti

Psicóloga Especialista em Avaliação Psicológica.
Pesquisadora do CNPq na área de construção de medidas psicológicas.
Pesquisadora do Laboratório de Psicologia do Trabalho e Ergonomia e
Núcleo de Avaliação e Perícia Psicológica (UFSC - Brasil).
Mestranda do Programa de Pós-graduação em Psicologia (UFSC - Brasil)

Contactos:

carol_bartilotti@floripa.com.br

RESUMO

Na prática profissional a entrevista é largamente utilizada para diversos fins: na psicologia organizacional, escolar, do esporte, hospitalar, clínica; ou seja, em qualquer procedimento que o psicólogo esteja envolvido (exceto quando se trata de exame psicotécnico que dispensa a entrevista) ele utiliza esta técnica de exame psicológico para realizar suas atividades diagnósticas, terapêuticas, de aconselhamento, etc. Neste âmbito, analisam-se algumas cenas do filme “Don Juan DeMarco” (dirigido por Jeremy Leven e protagonizado por Marlon Brando, Johnny Deep e Faye Dunaway) enquanto elementos ilustrativos no que se refere à teoria da entrevista psiquiátrica e psicológica. Fica ainda a proposta para posteriores análises deste clássico do cinema.

Palavras-chave: Entrevista psiquiátrica, técnicas de avaliação psicológica

A entrevista psicológica caracteriza-se, segundo Bleger (1980), como uma técnica de investigação científica, com procedimentos particulares onde é aplicado o conhecimento da ciência psicológica; ou seja, a técnica é o ponto de interação entre a ciência e as necessidades

práticas. A entrevista psicológica pode ser empregada em diversas áreas e com grande variedade de objetivos.

Para Santiago (apud, Trinca, 1984), “a entrevista psicológica se constitui na relação estabelecida entre duas ou mais pessoas dentro de um marco referencial estabelecido, sem perder de vista que ela se caracteriza por ser basicamente uma relação humana” (p. 67).

Desta forma, na prática profissional a entrevista é largamente utilizada para diversos fins: na psicologia organizacional, escolar, do esporte, hospitalar, clínica; ou seja, em qualquer procedimento que o psicólogo esteja envolvido (exceto quando se trata de exame psicotécnico que dispensa a entrevista) ele utiliza esta técnica de exame psicológico para realizar suas atividades diagnósticas, terapêuticas, de aconselhamento, etc.

A entrevista pode ser realizada de diferentes maneiras; segundo Bleger (1980) pode ser aberta ou fechada; e a escolha das mesmas dependerá, obviamente, dos objetivos que se pretende alcançar e dos prós e contras de cada uma delas.

A entrevista aberta, por exemplo, caracteriza-se pela liberdade que o entrevistado tem de expor seus pensamentos e idéias e pela ampla liberdade que o entrevistador tem de perguntar e intervir, o que permite toda a flexibilidade necessária que cada caso particular exige, e possibilita uma investigação mais ampla e profunda da personalidade do entrevistado. Porém, este tipo de entrevista segundo Santiago (apud Trinca 1984) pode despertar maior ansiedade no paciente e/ou cliente por que ele tem que recorrer aos seus próprios referenciais internos para estruturar seu discurso.

Por outro lado, a entrevista fechada caracteriza-se justamente pelo oposto: as perguntas são ordenadas e pré-determinadas, obrigando o entrevistador a seguir exatamente o que foi previsto, independente dos conteúdos trazidos pelo entrevistado. Este tipo de entrevista permite, como todos os métodos padronizados, uma melhor comparação sistemática dos dados.

Além destes dois tipos de entrevista sugeridos por Bleger (1980), outros autores como Ocampo, Arzeno, Piccolo e colaboradores (2003) ainda consideram um terceiro tipo de entrevista: a semi-estruturada ou semi-dirigida, que permite ao entrevistador maior flexibilidade, se comparada a entrevista fechada, um certo grau de ordenamento pré-estabelecido, e, além disso, possibilita que o entrevistador assinale alguns pontos importantes da fala do entrevistado, situações de bloqueio ou paralisações e que ele indague sobre lacunas de informação que o entrevistado não tratou. Este tipo de entrevista permite ao entrevistador conhecer exaustivamente o entrevistado e, desta forma, formular hipóteses, planejar o processo subsequente e, mais tarde, interpretar os dados obtidos com maior precisão. Obviamente, os diferentes tipos entrevistas têm

seus prós e contras, e cabe ao profissional da psicologia escolher o tipo mais adequado de entrevista que o permita atingir os objetivos a que se pretende.

Outra diferenciação importante deve ser feita levando-se em conta o beneficiário da entrevista. Pode-se pensar em 3 diferentes tipos de entrevistas: a) a que se realiza em benefício do entrevistado; b) aquela com fins de pesquisa e, por último, c) aquela onde a entrevista é realizada para um terceiro (uma instituição, por exemplo). Obviamente não se pode pensar em uma uniformidade entre estes três tipos de entrevista; uma diferença fundamental entre elas é apontada por Bleger (1980) onde o autor afirma que os dois últimos tipos de entrevista requerem que o entrevistador desperte interesses e participação, que motive o entrevistado.

O filme “Don Juan DeMarco”, dirigido por Jeremy Leven e protagonizado por Marlon Brando, Johnny Deep e Faye Dunaway relata a história de um homem de 21 anos que tem delírios de ser Don Juan DeMarco, um personagem fictício, geralmente tido como símbolo de libertinagem, que caracteriza-se por ser “o maior amante do mundo” – como o próprio personagem se auto-intitula. A película inicia quando Don Juan (Johnny Deep) tenta suicídio ameaçando jogar-se do alto de um prédio por não ter conquistado a única mulher, dentre tantas que experimentou, que lhe havia despertado interesse. Nesta ocasião o psiquiatra Jack (Marlon Brando) é chamado pelas autoridades policiais para tentar convencê-lo a descer do topo do prédio. O psiquiatra consegue retirá-lo da situação de risco com sucesso e o jovem rapaz é levado a um hospital psiquiátrico onde, depois de muito esforço de Jack, começa a ser acompanhado por ele mesmo, que estava muito interessado no caso.

Um ponto importante que deve ser salientado é que Don Juan tenta suicídio no topo de um prédio onde tinha uma placa de outdoor com a fotografia de uma jovem modelo com uma máscara (semelhante a que ele usava) com os dizeres: “Praia das Ilhas Canárias – Espanha. Desmascare os mistérios”. Chamamos a atenção para esta placa, pois esta mulher do outdoor é justamente àquela que Don Juan afirma ser seu amor que o rejeitou.

Já no início do filme, onde o psiquiatra tem o primeiro contato com o paciente, pôde-se observar alguns aspectos importantes no que se refere à entrevista psiquiátrica: neste momento, Jack, para convencê-lo a descer do prédio, apresenta-se como Don Otávio - tio de Don Francisco da Silva, personagem que o paciente alegava estar esperando para degladiar e, desta forma, consegue afastar Don Juan da situação de risco. Neste momento, como se está diante de uma situação de emergência, o psiquiatra necessita, como sugere Mackinnon e Michels (1992), proporcionar o sentimento de que está interessado no paciente e é capaz de auxiliá-lo com seu problema. Segundo os autores, “semelhante abordagem profissional, unida à definição inicial dos papéis, diminui os efeitos desorganizadores da crise e estabelece base firme para o (posterior) tratamento” (p. 327).

Porém, apesar de ter sido eficiente no momento da abordagem, o fato do psiquiatra ter se apresentado como outro personagem comprometeu, posteriormente, o tratamento de Don Juan. O jovem não conseguia enxergar Jack como psiquiatra, mas sim como personagem de seu delírio. Segundo Bleger (1980) o entrevistador, na sua atuação, “deve estar dissociado: em parte atuando com uma identificação projetiva com o entrevistado e em parte permanecendo fora desta identificação, observando e controlando o que ocorre, de maneira a graduar o impacto emocional e a desorganização ansiosa” (p. 27).

Passado este primeiro contato que se estabeleceu de forma emergencial, Don Juan foi internado num hospital psiquiátrico e tinha como previsão uma internação de dez dias. Jack, com muito custo devido ao seu processo de aposentadoria que sairia exatamente em dez dias, lutou para que o caso ficasse com ele. O psiquiatra obteve sucesso e conseguiu ficar com o caso. Na primeira entrevista, Jack, mais que depressa, antes mesmo do paciente falar muita coisa, introduziu a informação que ele deveria tomar medicação. Don Juan logo contestou e fez um acordo com Jack que durante um tempo ele não tomaria medicação para que ele pudesse contar a sua história tal qual ele acreditava. Jack concordou e deu a mão ao paciente. Além disso, o psiquiatra alertou o novo paciente do hospital que é lei tomar medicação e que, neste período, os enfermeiros e a equipe médica podem fazer o que acharem necessário.

Apesar do psiquiatra tentar estabelecer um contrato nesta primeira entrevista mesmo que timidamente – e lembrando que este filme não foi feito com o fim exclusivamente de ser objeto de análise de psicólogos – Marlon Brando não estabelece um contrato propriamente dito. Informações como local de atendimento, frequência, tempo de duração das sessões, etc. não são tratadas com o paciente. A própria identificação do médico deixa a desejar nesta primeira entrevista, pois Don Juan insiste em lhe chamar de Don Octávio, anfitrião dele nesta mansão (hospital psiquiátrico), e Jack não contesta. Acerca deste contrato, Mackinnon e Michels (1992) afirmam que as entrevistas psiquiátricas normalmente ocorrem entre 45 ou 50 minutos e este tempo deve ser tratado com o paciente, além dos outros pontos já citados.

Ainda no que diz respeito ao contrato, outro fator importante são as considerações acerca do espaço físico onde serão realizadas as sessões. Quanto a este aspecto, o que é mais marcante no filme é a (dês) organização do consultório do psiquiatra: poderia-se encontrar desde tabuleiros de dama sobre a mesa onde eram feitas entrevistas, até estantes excessivamente cheias de livros por todo o ambiente. Além disso, durante uma consulta, Jack senta-se atrás da escrivaninha para entrevistar seu paciente. Segundo autores como Mackinnon e Michels (1992), “muitos psiquiatras sentem maior segurança conduzindo a entrevista sentados a uma escrivaninha, mesmo assim, é conveniente colocar as cadeiras de modo a não haver mobília entre o médico e o paciente (...) se a sala tiver várias cadeiras, o médico poderá indicar qual é a sua, deixando o

paciente escolher o lugar em que se ache mais à vontade. Os principais fatores que influenciam a escolha do paciente abrangem a distância física e a posição em relação à cadeira do médico” (p. 48). Alguns pacientes manifestadamente dependentes preferem sentar-se o mais perto possível do médico; outros o mais longe possível ou ainda, na própria cadeira do médico (como no caso do filme Don Juan).

Outro ponto importante no que se refere ao contrato são os papéis do entrevistador e do entrevistado, que devem estar bem definidos. No caso do filme, do primeiro contato (que já se discutiu que num caso emergencial como era, até é aconselhável agir desta maneira) até o fim do processo, os papéis não pareceram estar bem definidos nem para o paciente – que tratava o psiquiatra como seu anfitrião e como sendo um grande esgrimista – nem para o próprio psiquiatra, que, a partir da segunda entrevista, não tratou Don Juan como seu paciente. O psiquiatra não seguiu os procedimentos padrões e terapêuticos que a situação exigia (como já foi explicitado) devido, principalmente, aos fatores contratransferenciais envolvidos na relação terapêutica que se estabeleceu.

Quanto a estes fatores, não se tem dúvida que o psiquiatra ficou altamente impactado com a história de seu paciente Don Juan devido a sua história conjugal: psiquiatra altamente gabaritado, Jack não tinha muito tempo para seu relacionamento com sua esposa. Desta forma, pôde-se perceber, como afirmam Bleger (1980) e Mackinnon e Michels (1992), que as respostas contratransferenciais são específicas da personalidade do médico e, muitas vezes, inadequadas. Segundo Machinnon e Michels “quanto mais intensos os padrões neuróticos do médico e quanto mais o paciente se assemelhe realmente a tais figuras, maior a possibilidade de repostas de contratransferência” (1992, p. 34). Ainda segundo os mesmos autores, “o médico pode tornar-se dependente da afeição e apreço de seu paciente quando fontes de seu próprio bem estar (...)” (1992, p.35).

No que se refere a esta dependência que o psiquiatra estabeleceu com seu paciente, uma cena final do filme deixa este aspecto bem claro quando Don Juan diz para Jack: “você precisa de meu sangue para viver, a sua necessidade pelo real, de um mundo onde o amor é imperfeito, continuará a sufocá-lo até ficar sem vida...” Don Juan continua: “meu mundo perfeito não é menos real que o seu. É só no meu mundo que você pode respirar... não é?” E Jack responde: “tem razão. Meu mundo não é perfeito”.

Ainda sobre este aspecto da contratransferência do psiquiatra, Jack, na sua última fala do filme, diz: “com tristeza, lamento informar que o último paciente que tratei, o grande amante Don Juan DeMarco, sofria de um romantismo completamente incurável, e, pior ainda, *altamente contagiante*”. Mais uma vez, Jack explicita claramente esta questão da contratransferência e o quanto ela pode ser prejudicial na relação terapêutica, a tratando como “altamente contagiante”.

Na realidade, muitos outros aspectos poderiam ser analisados no filme Don Juan DeMarco; cenas como: a que Jack entra no hospital psiquiátrico pelo portão dos pacientes, àquela onde ele vai jantar com sua esposa no Hotel Sevilla – exatamente o mesmo hotel que Don Juan descreve sua última conquista; além da cena onde o psiquiatra entrevista a avó e posteriormente a mãe de Don Juan; são todas cenas com muitos elementos ricos para análise. Porém, as cenas acima analisadas nos pareceram bem ilustrativas no que se refere à teoria da entrevista psiquiátrica e psicológica. Desta forma, fica a proposta para posteriores análises deste clássico do cinema.

REFERÊNCIAS

Bleger, José (1980). *Temas em Psicologia: Entrevista e grupos*. Trad. Rita Maria de Moraes. São Paulo: Martins Fontes.

Mackinnon, Roger A, Michels, Robert. (1992) *A Entrevista Psiquiátrica na Prática Diária*. Trad. Helena Mascarenhas de Souza. Porto Alegre: ArtMed.

Ocampo, Maria Luísa Siquier; Arzeno, Mara Esther García; Piccolo, Elza Grassano e colaboradores (2003). *O Processo Psicodiagnóstico e as Técnicas Projetivas*. Trad. Miriam Felzenszwalb. São Paulo: Martins Fontes.

Santiago, Mary Dolores Ewerton (1984). Entrevistas Clínicas. Apud Trinca, Walter (1984). *Diagnóstico Psicológico: a prática clínica*. São Paulo: EPU.